

Gestão, Avaliação e Resultados: encarando o autoengano

*Júlio Furtado**

Quando saímos de casa, dificilmente resistimos a uma olhadinha no espelho para verificarmos se a vestimenta está adequada. Quando constatamos que alguma coisa no visual não vai bem, refletimos rapidamente sobre o que pode estar provocando tal desarmonia. Se for a cor da blusa, por exemplo, corremos e trocamos por uma de cor mais adequada à combinação geral. Mais uma rápida olhadinha e constatamos que dessa vez ficou bom e somente assim, tranquilos, seguimos para mais um dia de trabalho.

Não parece, mas essa cena rotineira revela a essência do ato natural de avaliar em nosso dia a dia. Esse ato que nos é intrínseco (uma criança de dois anos já avalia com que brinquedo quer brincar) é composto de três etapas: **constatar, refletir e agir**. Ao olhar no espelho, **constatamos** que o visual não está harmônico. A partir daí, **refletimos** sobre o que pode estar causando a desarmonia e aí partimos para a **ação** e trocamos a blusa. A questão é que o ato de avaliar muitas vezes não é tão simples assim. Quando a constatação vai nos mostrar algo que, no fundo, não queremos ver, preferimos não constatar e seguir em frente acreditando no que melhor nos convier. É, muitas vezes, o caso de não subirmos numa balança (ou até fugirmos dela) para não constataremos o nosso peso, o que nos levaria a uma reflexão difícil e uma ação mais dolorosa ainda. A questão é que não queremos parar de comer doces, frituras e massas. Mais que isso, não acreditamos que somos capazes de resistir a essas tentações, logo, pra que tentar?

Você pode estar se perguntando o que estamos fazendo na seara da Filosofia da Avaliação. A resposta é simples: estamos tentando “tirar o véu” do autoengano, na esperança de que superemos a ideia de que não somos capazes de mudar. A título de exemplo, pensemos nos reais motivos que nos afastam da prática de uma gestão por resultados. Em conversa informal com vários gestores de instituições de ensino pelo Brasil, percebo que a rotina de trabalho com indicadores precisos que mostrem os resultados das ações e das decisões que tomamos em nosso cotidiano é sempre repudiada sob alegações do tipo “não sobra tempo pra isso”; “o corre-corre não permite que paremos” ou “já sabemos o resultado só de observar, a experiência nos mostra”. Não sei por que, mas essas respostas me levam a um sentimento de que estamos “fugindo da balança”. Será que os indicadores são desnecessários ou eles podem nos mostrar algo que não queremos ver?

Quando falo para professores sobre o tema Avaliação da Aprendizagem, costumo fazer essa mesma indagação: será que a verdadeira avaliação (composta das três etapas) é tão pouco praticada nas salas de aula pelo medo que o ato de refletir e agir nos provoca? Será que somente constatar não é mais prático? Dessa forma, as etapas de refletir e a agir ficam somente por conta do aluno.

O ato de gerir uma instituição de ensino exige, cada vez mais, coragem para encarar autoenganos. Os métodos empíricos precisam ser repensados à luz do compromisso que temos com os resultados que precisamos apresentar. Subir na balança pode ser um ato ameaçador, mas não subir pode nos ocultar algo que está nos levando à morte.

• * Júlio Furtado é Psicólogo, Pedagogo, Doutor em Educação e Reitor da UNIABEU, RJ.